

O PRINCÍPIO DO ATMA É UM SÓ PARA TODOS

Data: 21/10/2003 – Local: Prasanthi Nilayam

Ó homem tolo! Porque você sai à procura de Deus aqui e ali quando Ele está bem dentro de você? Volte sua visão para dentro e você O encontrará ali.

Poema em Télugo

Manifestações do Amor Divino!

Vocês estão sob a noção equivocada de que Deus está separado de vocês. Para ter a visão de Deus, vocês seguem vários caminhos, tais como *Japa*, *Dhyana*, *Bhajans*¹, etc. Enquanto pensarem que Deus está presente em algum lugar qualquer, não poderão encontrá-Lo. Ele está presente em vocês. Esforcem-se para reconhecer a divindade residente em seu interior.

Em 20 de outubro de 1940², enquanto caminhava para a escola, depois de retornar de *Hampi*, o broche do colarinho de Baba foi perdido e não pôde ser encontrado. O broche simbolizava os desejos mundanos. Aquele broche havia sido presente de *Narayana Raju*³, naquela época, Prefeito de *Bellary*.

O prefeito nos levou ao templo *Virupaksha*⁴, em *Hampi*. Após chegarmos ao templo, *Seshama Raju* (o irmão mais velho de Swami) Me mandou vigiar seus pertences enquanto eles entravam para ver a Deidade. Eu prontamente concordei e fiquei do lado de fora. Eles entraram no templo. Para surpresa e assombro de todos, encontraram-Me de pé dentro do altar, no lugar do Senhor *Virupaksha*. *Seshama Raju* não podia acreditar no que via e disse para si mesmo: “Porque Ele entrou aqui quando eu Lhe disse especificamente para ficar do lado de fora e tomar conta de nossos pertences?” Ele pensou que era incorreto Eu haver entrado no altar. Logo em seguida, ele saiu do templo, apenas para Me encontrar ali! Virou-se e entrou, e Me encontrou ali também! Como ainda estava em dúvida, disse à sua esposa: “Saia e vigie Sathya. Não permita que vá a nenhum lugar. Enquanto isso, eu vou entrar para ver se Ele ainda está lá.” Ela obedeceu. Ele, mais uma vez, viu um sorridente Sathya de pé, dentro do altar e ficou a imaginar se aquilo era um sonho, alucinação ou realidade.

Naqueles dias, estava na moda usar um broche no colarinho. *Narayana Raju* Me deu o broche de presente com uma oração, pedindo-Me que lembrasse sempre dele. Após regressarmos de *Hampi* para *Uravakonda*, o broche caiu pelo caminho, enquanto Eu estava a caminho da escola, segurando os livros em uma das mãos. Ele não pôde ser encontrado, mas Eu não havia sido nem um pouco afetado por aquela perda. Ainda assim, fingi estar procurando ansiosamente pelo broche. Alguns meninos que vinham atrás de mim, perguntaram: “*Raju*, o que Você está procurando?” Eu lhes disse que havia perdido o broche. Eles também começaram a procurar por toda parte. Eu ri e falei: “Vocês estão indo à escola para estudar. Porque estão preocupados com esse broche? Não se preocupem com ele.” Eles responderam: “Ele ficava muito bem em Você.” Um dos garotos correu até a casa de *Seshama Raju*. Naquele momento, ele e *Narayana Raju* estavam discutindo qual a interpretação daquele Meu estranho comportamento⁵. Quando o menino lhes contou o acontecido, os dois correram imediatamente até onde Eu estava. *Narayana Raju*, amorosamente, pegou-me pela cintura e falou: “Meu querido, o que está procurando?” Eu disse: “Procuro por alguma coisa.” Ele compreendeu que havia um significado oculto na Minha resposta e disse: “*Raju*, como Você pode procurar por alguma coisa que já não seja de Seu conhecimento?” Eu respondi que havia perdido o broche que me dera e ele disse: “Eu lhe darei dez broches como aquele. Não se preocupe com ele. Venha. Vamos para casa.”

Aquele foi o dia da transformação. O elo com as amarras mundanas havia desaparecido na forma do broche; a peregrinação até Hampi também serviu ao seu propósito. Baba deixou seu lar dizendo que Maya não mais poderia prendê-Lo.

Canção em Télugo

¹ Respectivamente: Repetição do Nome de Deus, Meditação e Cânticos Devocionais.

² Nesta data histórica, Baba deixou sua família e assumiu Sua Missão Divina, aos quatorze anos de idade.

³ Um parente de Swami.

⁴ “Soberano do Oeste” – uma das deidades referenciadas aos Pontos Cardeais.

⁵ Aqui, Swami está se referindo ao incidente no templo de *Virupaksha*.

O homem tem dois tipos de desejos: um é mundano e o outro é espiritual. Diz-se que a educação mundana é para a vida atual enquanto que o conhecimento espiritual é para a vida no além. Apesar disso, o homem só dá importância à educação mundana. Ele está sempre à procura da felicidade material. Por outro lado, eu não estou interessado neste tipo de felicidade. Eu disse a *Narayana Raju* que a escravidão aos desejos mundanos havia desaparecido na forma do broche.

Ao saber desse incidente, o Encarregado de Impostos *Hanumantha Rao* veio em seu carro e me disse: “*Raju*, o que Você está procurando?” Por favor, venha comigo. Eu lhe darei tudo que desejar.” Ele tinha um grande amor por Mim. Eu lhe disse que não estava à procura de coisa alguma. As pessoas à Minha volta perguntaram: “Você está à procura de Deus?” Eu respondi: “Não é necessário procurar por Deus. Ele está em toda parte. Eu também não estou à procura de algo trivial, como um broche.”

Então, fui levado à casa de um certo *H. S. Ramana*, que era professor de Inglês. Eles me questionaram: “O que você quer? O broche ou Deus?” Eu respondi: “Não preciso de um broche. Posso ter qualquer quantidade deles, pois tudo está em Minha Mão. Acaso pensam que estou à procura de Deus? Ele está em toda parte. Não necessito procurar por Ele.” *Narayana Raju* perguntou: “Onde está Deus? Podemos vê-Lo? Mais cedo, Eu havia lhe dado um anel, que, naquele momento, desapareceu de seu dedo e surgiu no Meu. Ele ficou assombrado e perguntou como aquilo havia acontecido. Respondi: “Eu posso fazer qualquer coisa. Tudo está em Minhas Mãos” (Swami, com um movimento de Sua mão, materializou o mesmo anel que havia ofertado a *Narayana Raju*, segurando-o à vista de toda a congregação).

Ao assistir a tudo, *Seshama Raju* também ficou estupefato. Ele deixou de lado o sentimento de que era Meu irmão mais velho. Derramando lágrimas de alegria e arrependimento, perguntou: “Meu querido, Você tudo sabe e tudo está em Suas mãos. Então, o que procura?” Eu também não Me dirigi a ele como irmão. Disse-lhe que não estava mais limitado por laços de parentesco. Segurei a mão de *Narayana Raju* e perguntei: “O que é isto?” Ele respondeu: “É minha mão.” Peguei uma caneta do seu bolso e perguntei: “O que é isto?” “Minha caneta,” respondeu ele. “Vocês dizem: esta é minha mão, minha caneta, meu corpo, minha mente, meus sentidos, etc. A palavra ‘minha’ indica que vocês são diferentes de tudo isso. Então, quem são vocês?” Perguntei.

Naquele instante, todos começaram a pensar: “Sim, o que *Raju* está dizendo é correto. Dizemos que isto é meu, aquilo é meu, mas não sabemos quem somos.” Todos estavam em silêncio. Eles aceitaram o fato de que não conheciam sua real identidade. Então lhes disse que havia descido à forma humana só para fazer com que as pessoas reconhecessem sua verdadeira identidade.

É o olho que vê e a mente que pensa. (A seguir, Baba mostrou o anel materializado e um lenço) Seus olhos podem ver o anel e o lenço. Em que se baseiam para dizer que isto é um anel? Do mesmo modo, o que lhes permite afirmar que isto é um lenço? Vocês diriam que a mente é a base para tudo isto. O que é a mente? A quem ela pertence? Vocês não sabem. O que vocês pensam que conhecem, na verdade não conhecem: o seu verdadeiro Ser. Esforcem-se para reconhecê-lo.

Daquele dia em diante, muitos buscadores da Verdade começaram a Me visitar. Eles costumavam dizer: “*Raju*, o que Você está dizendo é correto, mas como podemos reconhecer nossa verdadeira identidade?” As pessoas citam as escrituras e falam sobre alta filosofia mas não sabem o significado real de tudo isto.

“Vocês dizem que este é o seu anel, seu corpo, seu lenço, e assim por diante. Então, quem são vocês?” Perguntava a eles, que não tinham resposta. Então, comecei a explicar desse jeito: “Há dois aspectos importantes que vocês precisam considerar: um é *o que é visto*⁶ e o outro é *quem vê*⁷. *Tudo que é visto está fadado a perecer*. Então, tudo que vêem é somente uma ilusão. Vocês são *o Espectador*. Esta é a sua real identidade.”

O professor de inglês, *H. S. Ramana*, era uma pessoa nobre. Sua casa ficava no caminho da Minha escola. Ele costumava sentar-se na varanda em frente de casa. Assim que me avistava, chamava: “*Raju!*” Levava-Me para dentro e oferecia café e lanche. Mas Eu não estava interessado nessas coisas triviais. No início, costumava dirigir-Me a ele como “Senhor”, mas, daquele dia em diante, o relacionamento mundano entre professor e aluno havia cessado entre nós. Eu costumava dizer-lhe que tudo que os olhos viam, simplesmente, era perecível e que a pessoa deveria ir além e procurar por

⁶ Drishyam foi o termo usado. Significa: o lado objetivo da manifestação (Sânscrito).

⁷ Drashta – o espectador, o observador (ver nota acima).

Aquele que vê. Daquele dia em diante, onde quer que eu fosse e a todos que encontrasse, ensinava esses elevados princípios.

Certo dia, *Ramana* chamou *Seshama Raju* e lhe disse: “Não se preocupe tanto em tentar compreender o comportamento de *Sathya*. Esse menino está mergulhando cada vez mais fundo nos mistérios da vida. É impossível para qualquer um compreender Sua verdadeira natureza. Vamos esperar para ver o que acontece.”

Dizendo assim, *Ramana* Me levou para sua casa e Me ofereceu lanches, café, refeições, etc. Pobre homem! Ele não percebia que Eu jamais estive interessado naquelas coisas materiais. Eu não tocava em nada do que me oferecia. No meu ponto de vista, tudo aquilo eram coisas materiais que passariam por constantes mudanças. Não eram permanentes. Expliquei a ele: “Você Me trouxe essa comida. Até quando ela é real? Até que alguém a consuma. O que acontece depois de comermos? Ninguém pode ver a forma do alimento daí em diante. Ele simplesmente desaparece. Você está considerando como reais essas coisas irreais do mundo.” Deste modo, comecei a ensinar-lhes os elevados conceitos da Vedanta. *H.S. Ramana* estava espantado com o Meu conhecimento desses altos princípios. Até então, ele havia se dirigido a Mim como “*Raju!*” Mas, daquele momento em diante, começou a Me chamar de “*Guruji!*”⁸ Tocava Meus Pés e pedia: “*Guruji!* Por favor venha à minha casa.”

Aqueles que testemunharam a cena ficaram espantados ao ver aquele senhor idoso, um professor, segurando os pés daquele jovem, seu aluno. Então, *Ramana* declarou diante de todas aquelas pessoas: “**Não somente eu; chegará o dia em que o mundo inteiro cairá aos Seus Pés.**” As pessoas reunidas ali, na ocasião, eram todas poderosas, ocupando posições elevadas na sociedade. Havia um vizinho chamado *Ramanarayana Sastri*, que era astrólogo. Ele havia sido convidado a apreciar aquelas elevadas verdades da vida que Eu estava explicando. *Sri Sastri* ficou impressionado com o Meu conhecimento dos conceitos de Vedanta naquela idade tão jovem e derramou lágrimas de felicidade. Uma ou duas gotas de suas lágrimas caíram nos Meus pés. Daquele momento em diante, todos em *Urvakonda* passaram a me chamar de Sathya Sai Baba. Eu lhes disse que havia vindo com o único propósito de revelar essa verdade. Incapazes de compreender totalmente a verdade de Minhas revelações, alguns deles Me perguntaram: “Como você pode declarar que é Sai Baba?” Eu simplesmente tomei algumas flores em Minhas mãos e joguei no chão. Olhem só! As flores formaram as palavras *Sathya Sai Baba* em letras do alfabeto Têlugo. Testemunhando esse milagre, eles ficaram assombrados e paralisados! Então, todos começaram a cantar em coro: “*Sathya Sai Baba Ki Jai!*”⁹ Eu, enfaticamente lhes disse que esse era um nome que eles mesmos haviam atribuído a Mim, que, de fato, não tenho Nome algum! Eu fiz, na ocasião, a seguinte declaração:

*Saibam que Eu Sou Sai na realidade,
Desistam de seus esforços para Me limitar,
Os apegos mundanos não podem mais Me prender,
Ninguém, não importa o quão grande possa ser, poderá Me segurar.*

Poema em Têlugo

Eu levantei e comecei a Me afastar. Nesse meio tempo, todas as pessoas reunidas ali, inclusive *Ramana* e *Sastri* tentaram Me seguir. Eu recomendei que eles não Me seguissem, mas que buscassem a introspecção e a transformação mental. Uma vez que Eu não sou o corpo, ninguém pode Me segurar. Por isso, recomendei que eles seguissem Meus ideais. Só então poderiam reconhecer Minha verdadeira natureza. Nesta vasta expansão do Universo, desde o menor átomo até o que é mais poderoso, tudo é permeado pela realidade *Átmica*. Ela parece ser o menor entre os menores e o maior entre os maiores. De fato, o princípio de unidade que permeia o microcosmo e o macrocosmo é a realidade fundamental que deveriam pesquisar. Por isso *Ramana Maharishi* costumava dizer: “Pergunte-se: quem você é de fato?”

Você não é uma única entidade. De fato, você é três-em-um:

*Aquele que você pensa que é, (o corpo)
Aquele que os outros pensam que você é (a mente)
Aquele que você realmente é (Atma).*

⁸ Guruji – “Pequeno Mestre” – o sufixo “ji” é um diminutivo carinhoso.

⁹ Viva Sathya Sai Baba! Vitória a Sathya SaiBaba!

O *Atma* é conhecido como consciência e o corpo, que consiste dos sentidos é chamado consciente. A Consciência Pura¹⁰ que está presente em tudo, transcende os sentidos. Há ainda um outro princípio que está além da consciência, que é chamado Super Consciência.

No início, não havia muitas pessoas que soubessem quem era Sai Baba. Ele era considerado um santo Muçulmano. Quando retornei pela primeira vez a *Puttaparthi*, declarando ser Sai Baba, as pessoas pensaram que Eu havia adotado um nome Muçulmano. Mas ninguém pode Me limitar a uma religião em particular, como o Hinduísmo ou o Islã.

Os Vaishnavas dizem que o Senhor Vishnu é o maior enquanto que os Saivitas declaram que o Senhor Shiva é o maior de todos. Os Ganapatyas (adoradores de Ganesha) dizem que Ganapati é o maior. Os educados dizem que a Deusa Sarada¹¹ é a maior Os Adoradores de Shakti¹² proclamam a Deusa Shakti como a maior. Meus devotos dizem que Eu sou o maior. Alguns dizem que todos são um só. As pessoas podem falar com base nos seus sentimentos, mas, na verdade, há somente um DEUS.

O resto são nomes.

Poema em Télugo

Pessoas diferentes podem atribuir diversos nomes à Realidade *Átmica* e tentar defini-la de muitas maneiras. Porém, o Princípio fundamental do *Atma* é um só. Essa verdade deve ser explicada às pessoas em linguagem compreensível.

Vocês podem ver que há algumas casas lá longe. Na parte da frente de cada casa, vêem uma varanda; então, há uma sala de estar e uma cozinha. Depois, encontrarão um banheiro. Assim, há diferentes nomes para diferentes aposentos. Como receberam esses nomes? Pelo simples fato de que estão separados por paredes, para diferentes propósitos. Entretanto, a verdade é que todos são partes da mesma casa.

Do mesmo modo, as pessoas têm nomes diferentes e estabelecem diferentes relacionamentos com outras pessoas, como mãe, pai, irmão, etc. De onde adquiriram esses relacionamentos? Tudo é feito por vocês mesmos. Removam essas barreiras e o que resta é uma vasta expansão de unidade.

Uma pessoa se refere à Divindade como *Atma*, outra se refere a ela como *Brahman*¹³ e uma terceira a chama de *Vishnu*¹⁴. Esses são somente nomes atribuídos por seres humanos à Divindade sem nome, sem forma e sem atributos. O *Princípio de Expansão*¹⁵ não tem nomes atribuídos a ele. De onde se originou *Brahman*? A consciência *Átmica* que permeia cada ser vivente é denominada *Brahman*. Quando ela é individualizada, chamam-na consciência. É também chamada de *Jiva*¹⁶. Quando o Princípio do *Atma* é encerrado em um corpo, ele se torna um indivíduo. O indivíduo, o *Atma* e a consciência – todos os três são um só e o mesmo. As pessoas pensam que são diferentes por que recebem diferentes nomes. Removam os nomes e restará somente o Princípio do *Atma* em cada indivíduo. Ele não tem forma mas assume diferentes formas unindo-se a diferentes indivíduos.

Suponham que vocês chamem esse objeto (um lenço) de *Atma*. Ele é um lenço em linguagem comum. Mas, quando olham para ele de um ponto de vista espiritual, é um objeto. Eu o chamo de tecido. Então, após algum tempo eu o chamo de algodão; seja lenço, tecido ou algodão, os nomes se referem a um único objeto. Somente nomes diferentes são dados ao mesmo objeto.

Considerem, por exemplo, os nomes de *Rama* e *Krishna*. *Rama* não nasceu com aquele nome em especial. Ele só foi batizado como *Rama* após o seu nascimento. Assim também foi com *Krishna*. Por ser uma encarnação da bem-aventurança, Ele recebeu o nome de *Krishna*. *Porque Ele Atrai, Ele é Krishna*¹⁷, mas, sua real natureza é Bem-aventurança. Ele é a Personificação da Bem-aventurança. O mesmo princípio de Bem-aventurança assumiu diferentes nomes. Esse princípio único é chamado de: *encarnação da suprema bem-aventurança, sabedoria absoluta, Uno sem segundo, transcendente aos pares de opostos, expansivo e penetrante como o céu, a meta indicada pela máxima "Eu Sou Aquilo", o*

¹⁰ *Chaitanya* foi o termo empregado.

¹¹ Outro nome de *Saraswati*, a Deusa da Sabedoria.

¹² Outro nome de *Parvati*, a Mãe Natureza.

¹³ *Brahman* – Absoluto sem forma.

¹⁴ *Vishnu* – O Onipresente.

¹⁵ *Brahma Tattwa*. O nome *Brahma*, na realidade é um adjetivo, que denota expansão, em uma alusão à expansão do Universo. *Tattwa* é uma expressão que pode ser traduzida como *princípio abstrato, atributo, força da natureza, etc.*

¹⁶ Alma, no sentido individualizado.

¹⁷ Expressão em Sânscrito: *Akarshati Iti Krishna*.

*eterno, o puro, o imutável, a testemunha de todas as funções do intelecto, transcendente a todas as condições mentais e aos três estados da matéria: Equilíbrio, Ação e Inércia.*¹⁸

A Divindade não tem atributos. Como alguém pode atribuir um nome a Ela? Uma vez que não é possível atribuir nenhum nome particular a esse princípio, deram-lhe o nome de *Atma*, o Princípio que permeia cada indivíduo. Ele não tem forma específica.

Explicando dessa forma, disse a todas aquelas pessoas que havia sido somente para fazê-las reconhecer esse princípio que Eu havia vindo. Então, *Seshama Raju* apresentou uma importante questão. Ele era um Erudito em Têlugo. Qualquer questão que colocasse tinha um certo valor. Ele perguntou: “Quem é Você?” Eu respondi: “Uma vez que você Me chama de Sathya, Eu sou Sathya. Como se refere a Mim como Seu irmão, Eu sou Seu irmão. Porque Me chama de estudante, Eu sou um estudante. Qualquer nome que você use para se referir a Mim, Eu assumo aquele nome e aquela forma. De fato, ninguém é capaz de reconhecer a verdade. Ninguém tem qualquer relacionamento Comigo. Chamem-Me por qualquer nome e Eu responderei. Se Me chamarem de ‘Sai’, Eu responderei. Se chamarem ‘Baba’, Eu responderei. Qualquer nome que Me derem será o mesmo para Mim. Todos esses são apenas nomes atribuídos a Mim. Eu vim, de fato, para fazê-los compreender essa verdade.”

Na sala de aula, três de nós dividíamos uma carteira: Eu no meio, rodeado por *Ramesh* e *Suresh*, um de cada lado. Eles eram muito jovens. Um tinha oito anos de idade e o outro, nove. Eu tinha oito anos e meio. *Ramesh* e *Suresh* não eram muito bons nos estudos. Sempre que os professores lhes dirigiam perguntas, eles davam respostas sopradas por Mim. Era a época dos nossos exames públicos. Os números dos nossos assentos, na sala, foram distribuídos de tal forma que tivemos de nos sentar separados, bastante distantes uns dos outros. Não lhes era possível receber qualquer ajuda Minha. Eles estavam muito preocupados, mas Eu lhes infundi coragem, dizendo: “Vocês não precisam escrever nada. Só compareçam ao exame. Eu tomarei conta do resto.”

Eu completei minha folha de questões em poucos minutos. Peguei do inspetor outras folhas de respostas e escrevi as respostas na caligrafia de *Ramesh*. Após completá-la, peguei outro conjunto de folhas e escrevi as respostas na caligrafia de *Suresh*, escrevendo também seus nomes nas provas. Quando a sineta final soou, todos os estudantes se levantaram e Eu, silenciosamente, coloquei as três provas na mesa do examinador. Quando os resultados foram anunciados, somente nós três tiramos o primeiro lugar. Os professores estavam surpresos a respeito de como *Ramesh* e *Suresh* também haviam se classificado em primeiro. O professor de matemática *Thirumal Rao* convocou nós três. Ele perguntou a *Ramesh* e *Suresh* se eles haviam escrito as respostas de próprio punho. Antes disso, Eu havia dito aos dois que não revelassem a verdade em nenhuma circunstância. “Se perguntarem, digam que se lembraram das respostas durante o exame e, agora, esqueceram. Se seguirem Meu comando, Eu sou seu e vocês são Meus.” Eles Me obedeceram e disseram a *Thirumal Rao* que haviam escrito as respostas todas. Não havia motivo para dúvidas. Eles não poderiam ter colado de Mim por que sentamos separados. O povo do lugar estava muito contente. Eles fizeram uma grande procissão, carregando-nos em seus ombros.

Havia um homem de negócios denominado *Kote Subbanna*. De algum modo ele soube que Eu podia compor excelentes poemas. Certo dia, veio Me procurar e pediu: “*Raju*, há um novo remédio, chamado *Bala Bhaskara* nas minhas lojas. Por favor, escreva uma canção sobre a eficácia do remédio, que possa servir como propaganda. Eu lhe darei o que desejar. Estou preparado para pagar qualquer quantia.” Eu respondi: “Não estou aqui para vender minha poesia. Dê-me os detalhes do remédio e, certamente, comporei uma canção para você.” Então, escrevi a seguinte canção:

*Lá está! Lá está! Ó crianças! Venham! Venham!
O Remédio Bala Bhaskara;
Seja uma dor de estômago ou uma perna arranhada;
Seja dor nas juntas ou flatulência;
Seja uma enfermidade, conhecida ou não;
Tome Bala Bhaskara para uma cura instantânea!*

*Se querem saber onde podem encontrá-lo;
Vão à loja de Kote Subanna;*

¹⁸ Lista em Sânscrito de Atributos do Divino.

*Nessa loja poderão comprá-lo;
Venham meninos! Venham cá!
É um tônico excelente
Preparado pelo famoso médico
Gopalacharya em pessoa.
Venham meninos! Venham cá!*

Canção em Télugo

Essa canção foi ensinada a dez crianças, que saíram pelas ruas carregando cartazes e cantando a música composta por Mim. Todos souberam a respeito do remédio e todo o estoque foi vendido imediatamente. *Kote Subbanna* tornou-se muito popular. Sua alegria não tinha limites. Ele mandou costurar um novo par de roupas para Mim como expressão de sua gratidão, mas Eu os recusei.

Enquanto isso, nosso diretor, *Lakshmipathy Sastri* foi transferido. Todos os estudantes ficaram tristes por isso. *Seshama Raju* também foi transferido de *Uravakonda* para *Kamalapuram*, de modo que Eu tive que deixar *Uravakonda*. *Ramesh* e *Suresh* eram muito apegados a Mim. Um amor tão intenso assim não pode ser encontrado entre pais ou parentes. Quando deixei *Uravakonda*, as outras crianças da escola ficaram inconsoláveis. *Ramesh* e *Suresh* não choraram, mas não puderam suportar separar-se de Mim. Eu era muito jovem naquela época e tinha que obedecer às ordens de *Seshama Raju*. Por isso, embarquei no ônibus e deixei *Uravakonda*. *Ramesh*, profundamente deprimido, caiu em um poço e morreu. O outro menino ficou repetindo “*Raju, Raju, Raju...*” e, no final, ficou louco. Ele foi levado a vários hospitais para doentes mentais, sem resultado. Finalmente, seu pai veio a Mim e pediu: “*Suresh* ficará curado de sua loucura se puder vê-lo pelo menos uma vez. Por favor, venha visitá-lo.” Eu fui ao hospital visitá-lo. Ele ficava repetindo continuamente “*Raju, Raju, Raju...*” Ao ver-Me, chorou e deixou o corpo.

Mais tarde, *Ramesh* e *Suresh* renasceram como dois cachorrinhos e foram trazidos a Mim por um funcionário de *Bangalore*. Eles costumavam ficar sempre comigo, quando Eu estava no Velho Mandir. Eles foram chamados Jack e Jill.

Um dia, a *Maharani* de *Mysore* veio ter Meu Darshan. Ela era uma grande devota e uma mulher muito ortodoxa. Ela sempre mantinha distância das outras pessoas. Não tocava nada que houvesse sido tocado por outros. Ela era tão ortodoxa que insistia em que dessem banho na vaca antes de ser ordenhada. Como não havia estrada para *Puttaparthi*, ela desceu do carro em *Karnatanagapalli* e caminhou o resto da distância até o Velho Mandir. Como conseguiu chegar? Ela não queria colocar os pés numa estrada percorrida por outras pessoas. Por isso, trouxe duas pranchas de madeira consigo. Ela calçou as duas pranchas e chegou até o Mandir. A *Maharani* decidiu descansar no Mandir por uma noite.

O motorista jantou e voltou para *Karnatanagapalli*, onde o carro estava estacionado. Choveu muito durante a noite. O motorista dormiu no carro e Jack dormiu debaixo do veículo, perto de uma roda. Na manhã seguinte, o motorista ligou o carro, sem saber que Jack estava dormindo debaixo dele. A roda do carro passou por cima do cãozinho, quebrando sua espinha. Jack arrastou-se atravessando o rio, ganhando o tempo todo. Um lavadeiro, de nome *Subbanna* que costumava cuidar do Velho Mandir dia e noite, veio a Mim dizendo: “Swami, Jack deve ter sofrido um acidente. Ele está chegando contorcendo-se de dor.” Eu saí imediatamente, Jack chegou uivando alto, caiu aos Meus pés e morreu. Ele foi enterrado atrás do Velho Mandir e um monumento foi erguido ali. Quando Jack morreu, Jill parou de comer e morreu poucos dias depois, sendo enterrado ao lado de Jack. Deste modo, *Ramesh* e *Suresh* praticaram penitências para estar sempre Comigo. Mesmo depois de morrerem, eles renasceram como cães para ficar ao Meu lado.

Durante Minha infância, costumava compor muitas canções com profundo significado, alegrando os moradores do vilarejo, fazendo com que as cantassem. Um dia, o líder de um partido comunista, chamado *Narayana Reddy*, de *Bukkapatnam*, aproximou-se de Mim com um pedido para que compusesse canções que pudessem inspirar nossos lutadores pela liberdade. Uma boneca foi colocada em um berço, no palco. Eu, então, compus uma canção, na forma de canção de ninar para a boneca:

*“Não chore, minha criança, não chore.
Se você chorar, não poderá ser chamada de valorosa filha da Índia.
Vá dormir, minha criança, vá dormir.
Está assustada porque o terrível Hitler invadiu a invencível Rússia?
Vá dormir, minha criança, vá dormir.
Não chore, minha criança, não chore.
Pois o Exército Vermelho marcha sob o comando de Stálin.
Eles porão um fim a Hitler.
Porque chora, minha criança?
É porque nosso país sofre sob um governo estrangeiro?
Não chore, minha criança, não chore.
Todos os compatriotas deverão se unir para lutar pela liberdade;
Vá dormir, minha criança, vá dormir.*

Canção em Télugo

Os moradores escutaram a canção com apreço e espanto. Muitos se perguntaram como aquele menino tão jovem, *Sathyanarayana Raju*, soubera sobre Hitler e Stálin. Esses nomes eram desconhecidos das pessoas daquela região. Essa canção foi impressa em um panfleto e distribuída nas vilas. Pessoas de outros partidos políticos começaram a me procurar para escrever canções para eles. *Seshama Raju* me repreendeu, dizendo que eu não deveria me envolver em assuntos políticos. Eu disse a ele: “Eu nada tenho a ver com partidos políticos. Não pertenço a nenhum partido. Todos os partidos são Meus. Eu pertenço a todos.”

A canção tornou-se muito popular no vilarejo. Eles trouxeram algumas calças, camisas e toalhas para mim, que recusei tudo. Eu as distribuí para outras crianças, na presença daquelas pessoas e lhes disse: “Eu compus a canção somente para encorajá-los, não para obter benefícios monetários.” Daquele dia em diante, parei de escrever aquelas canções. Hoje em dia, nem mesmo componho *Bhajans*¹⁹. Eu não estou sequer escrevendo artigos para a *Sanathana Sarathi*²⁰. *Kasturi*²¹ costumava insistir para que eu escrevesse artigos. Ele dizia: “Swami, a menos que seu nome apareça na *Sanathana Sarathi*, ela não terá valor algum.”

Todas as crianças da escola eram muito carinhosas comigo. Eu também as amava muito. Sempre que havia qualquer prato especial em casa, como *Vadas* ou *Pakodas*, eu costumava levar para a escola e distribuir para as outras crianças. Eu era amistoso com todos. Não tinha inimizade com ninguém. Vendo meus atos nobres, *Ramesh* e *Suresh* desenvolveram grande apego por mim e, no fim, ofereceram suas vidas a mim. Devido ao seu amor e devoção, eu os ajudei nos exames. Após aquilo, jamais me envolvi de novo em assuntos relativos a exames. Certa vez, um funcionário do governo me perguntou: “Swami, como você pôde escrever as provas em nome deles?” Respondi: “Por que não!? *Ramesh* e *Suresh* eram, também, meus nomes.” Desta maneira, posso prosseguir narrando vários incidentes da história da minha vida. Não há fim para eles. De fato, as palavras são inadequadas para descrever a minha história.

Eu sempre tive um amor especial pelos estudantes. Do mesmo modo, os estudantes têm intenso amor por mim. Eles buscam minha orientação sempre que têm qualquer problema. Mesmo ontem, um pesquisador acadêmico orou pela minha proteção na preparação de sua tese. Ele está escrevendo uma tese sobre o *Mahabharatha*. Apresentou a mim algumas questões sobre personagens como *Bhishma*, *Bhima* e *Dharmaraja*. Eu respondi que ele deveria encontrar as respostas por si mesmo. Nesse momento, vocês podem encontrar esse estudante sentado atrás da varanda. Eu lhe disse que buscasse dentro de si as respostas certas.

Os estudantes são cheios de amor por Swami. Eles consideram Swami como sua mãe, pai e tudo o mais. Eles se dirigem a mim como Mãe Sai e cantam “somos os filhos da Mãe Sai”. Quando me

¹⁹ Cânticos Devocionais.

²⁰ Revista oficial da Organização Sathya Sai. O nome significa “O Eterno Condutor”, numa alusão a Baba como Krishna, o Condutor da carruagem de Arjuna, na guerra do Mahabharatha.

²¹ Poeta e escritor já falecido. Foi o biógrafo de Baba, escrevendo a série *Satyam Shivam Sundaram* sobre a vida de Swami. Também foi o primeiro editor da *Sanathana Sarathi*, tradutor para o inglês dos Discursos de Baba, publicados na revista e na série de livros *Sathya Sai Speaks* e, também, dos artigos escritos por Swami (aludidos no presente discurso), publicados na série de livros denominados *Vahini*.

consideram como sua Mãe, como poderia não atender às suas preces? Por isso, eu também mostro um amor maternal por eles. *Assim como é o sentimento, será o resultado.* Isto é somente um reflexo do amor que têm por Mim. O amor que existe entre Swami e os estudantes é o mesmo que entre uma mãe e seus filhos. Deixe que digam o que quiserem. Swami é sua mãe. Eu sou a mãe daqueles que Me consideram como mãe e pai daqueles que acreditam que Eu sou seu pai. Eu respondo a vocês de acordo com os seus sentimentos. Mesmo sua própria mãe não poderá lhes dar tanto amor quanto Swami.

Estudantes!

Trabalhem duro e estudem bem. Os dois meninos que estão sentados ao Meu lado estão ansiosos porque Swami está de pé por um longo tempo. Eles estão rezando para que Eu me sente.

(No final, *Bhagavan* permitiu a dois ex-estudantes do Instituto, servindo atualmente em diferentes instituições do *Ashram*, que discursassem para os jovens).

Tradução realizada pela Coordenação de Devoção do Conselho Central do Brasil
A partir da versão em inglês disponível na Página da Organização Sai da Índia: www.srisathyasai.org.in.
Rio de Janeiro, 1º de novembro de 2003.